

# Notas de leitura

LOPES, Eliana Marta Teixeira,  
FARIA FILHO, Luciano Mendes  
VEIGA, Cynthia Greive. (orgs.).  
*500 anos de educação no Brasil*.  
2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica,  
2000. 606 p.

O livro em referência, lançado ao ensejo das comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil pelos portugueses, agora em 2ª edição onde são corrigidos os problemas ocorridos na editoração dos originais, apresenta um amplo painel da produção historiográfica sobre educação cobrindo um largo leque de temas e contemplando, de um modo ou de outro, os vários períodos atravessados pela educação na história de nosso país.

A obra é constituída por 24 textos. O primeiro, *A civilização pela palavra*, de João Adolfo Hansen, tem, de fato, caráter inaugural, pois traça o quadro em que a Igreja se associou à Monarquia para, através da palavra, implantar na nova terra a civilização dos que dela se apossavam. Nesse processo desempenharam papel central os jesuítas não sendo, pois, por acaso que o sistema pedagógico expresso no *ratio studiorum* tenha como elemento central a retórica. O período colonial é ainda contemplado nos textos seguintes, *Educação jesuítica no Brasil colonial*, de José Maria de Paiva, e *O semi-*

*nário de Olinda*, de Gilberto Luiz Alves, dando conta, assim, das duas tendências pedagógicas que predominaram no referido período: a pedagogia jesuítica, que perdurou de 1549 a 1759, e a orientação pombalina que prevaleceu até praticamente o momento da independência. A escolha do seminário de Olinda para tratar da fase pombalina me parece acertada porque, efetivamente, foi nessa instituição que se expressaram, de forma mais acabada, o significado e as potencialidades do iluminismo português à base do qual foram formuladas as reformas pombalinas da instrução pública.

Os níveis, por assim dizer, clássicos, da organização dos sistemas de ensino são contemplados explicitamente nos textos de Moysés Kuhlmann Júnior, *Educando a infância brasileira*, Luciano Mendes de Faria Filho, *Instrução elementar no século XIX*, Heloísa de O.S. Villela, *O mestre-escola e a professora*, Denice Bárbara Catani, *Estudos de história da profissão docente*, Jailson Alves dos Santos, *A trajetória da educação profissional*, e Luiz Antônio Cunha, *Ensino superior e universidade no Brasil*, os quais tratam, respectivamente, da educação infantil, do ensino fundamental, da formação de professores e da profissão docente, da educação profissional e do ensino superior. Embora o ensino secundário não conte com um texto específico, ele não deixa de estar presente em diversos mo-

mentos do livro, seja em textos que tratam das concepções pedagógicas, seja naqueles que se debruçam sobre as reformas do ensino.

Além dos graus que compõem a estrutura dos sistemas de ensino, o livro apresenta estudos que abordam tanto aspectos amplamente reconhecidos pela sua importância no conjunto do processo educativo como temas cuja relevância se manifestou mais recentemente no contexto da renovação da historiografia educacional.

Entre os primeiros se encontram os textos de Marta Maria Chagas de Carvalho, *Reformas da instrução pública*, Clarice Nunes, *(des)encantos da modernidade pedagógica*, Marcus Vinicius da Cunha, *A escola contra a família*, Diana Gonçalves Vidal, *Escola nova e processo educativo*, Carlos Roberto Jamil Cury, *A educação como desafio na ordem jurídica*, e Rogério Fernandes, *A instrução pública nas Cortes Gerais Portuguesas*, tratando, este último, das posições assumidas sobre educação pelos delegados brasileiros presentes nas Cortes Gerais Portuguesas reunidas com o caráter de Congresso Constituinte em 1822.

Entre os segundos estão os trabalhos de Arilda Ines Miranda Ribeiro, *Mulheres educadas na Colônia*, Eliana Marta Teixeira Lopes, *Conselhos de Bárbara Heliodora*, Marly Gonçalves Bicalho Ritzkat, *Preceptoras alemãs no Brasil*, Constância Lima Duarte, *A fic-*

*ção didática de Nísia Floresta*, Luiz Alberto Oliveira Gonçalves, *Negros e educação no Brasil*, Lúcio Kreutz, *A educação de imigrantes no Brasil*, Cynthia Greive Veiga, *Educação estética para o povo*, Guacira Lopes Louro, *O cinema como pedagogia*, e José Gonçalves Gondra, *Medicina, higiene e educação escolar*.

O fato de que os temas emergentes constituam o conjunto mais numeroso não é o único indicador do caráter inovador da obra. Com efeito, também os temas de que tradicionalmente se ocupam os estudos de história da educação são tratados, no livro, com novo enfoque, seja questionando explicitamente as versões anteriores, seja abrindo caminho para a compreensão de aspectos não privilegiados naquelas versões.

*500 anos de educação no Brasil* é, pois, uma obra de grande relevância, pois torna acessível aos professores de história da educação e aos educadores, de modo geral, um conjunto amplo de estudos oriundos de investigações realizadas nas universidades e nos centros de pesquisa de nosso país. Em tal condição, este livro expressa o significativo desenvolvimento da historiografia atual da educação brasileira ao mesmo tempo em que dá ao conhecimento do público alguns dos importantes resultados já obtidos. De posse desses resultados os professores poderão elevar, também, a qualidade do ensino não apenas da história da educação mas das demais disciplinas que, em larga medida, se baseiam no conhecimento histórico para o desenvolvimento de seus conteúdos curriculares.

Dermeval Saviani

Universidade Estadual de Campinas

SAVIANI, Dermeval, LOMBARDI, José Claudinei, SANFELICE, José Luís (orgs.). *História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual*. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 1998.

Redijo a presente nota de leitura sob o duplo impacto de ter lido e “ter ouvido” o livro. Explico: é que o livro em referência é uma coletânea de textos apresentados durante o IV Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, realizado em Campinas, em dezembro de 1997, ao qual assisti. Li o livro, tendo antes participado do evento.

O livro consta de uma Apresentação, pelos organizadores, uma Introdução e três partes. Na Introdução, Dermeval Saviani (UNICAMP) lamenta que os historiadores, em geral, com poucas exceções, não tenham “se ocupado, com a desejável acuidade, das questões epistemológicas da história” (p. 9). Retomando Ciro Flamarion Cardoso, Saviani localiza nos paradigmas “iluminista” e “pós-moderno” os dois pólos do atual embate teórico-metodológico nos “domínios da história”. Posicionando-se no interior do primeiro, o autor situa no “entusiasmo” dos “jovens investigadores da história da educação” pelo segundo, e particularmente por um dos seus principais nomes, Michel Foucault, parte das atuais dificuldades na área. Daí a necessidade e a importância para a história da educação de aprofundar o debate epistemológico.

A parte um, denominada “Questões teórico-metodológicas da história”, abre com o artigo em que Edgar Salvadori de Decca (UNICAMP) faz uma revisão de algumas das mais significativas propostas da “história como narrativa”, a começar por Hayden White e chegando a Edward P. Thompson. Para este último, um “marxista peculiar” com quem de Decca manifesta grande afinidade, a história “é herdeira da narratividade”. Segundo o autor, o retorno da narrativa é alvissareiro para a história, mas coloca problemas que exigem atenção. O segundo artigo é de José Carlos Reis (UFMG), que defende a tese de que a Escola dos Annales foi uma espécie de refúgio para pesquisadores esgotados

pelos duas grandes guerras mundiais e pelas revoluções que, em nome da aspição ao progresso, marcaram a Europa no século XX: em reação à turbulência, buscaram as permanências, a longa duração, a história quase imóvel das estruturas renitentes à mudança. O terceiro artigo dessa primeira parte é de José Paulo Neto (UFRJ e PUC-SP), que aponta para a atualidade do pensamento de Marx na compreensão das leis fundamentais que regem a economia e a sociedade capitalista.

A parte dois, “Questões teórico-metodológicas da história da educação”, começa com um trabalho de Zeila de Brito Fabri Demartini (UNICAMP e USP), que destaca as relações entre as ciências sociais e a história e a contribuição da história oral para a pesquisa histórica. Elomar Tambara (UFPEL), a seguir, advoga “uma posição ecumênica” contra uma história da educação “feita ‘em remendos’”. Mirian Jorge Warde (PUC-SP) defende a inserção da história da educação como uma “história de disciplina específica” e aponta a fecundidade da colaboração entre as ciências sociais e a história. Fecha esta parte a comunicação de Zaia Brandão (PUC-RJ), que, partindo de um trabalho de Anísio Teixeira sobre a educação e a ciência, problematiza a identidade do campo da história da educação e incorpora ao seu âmbito, num “mergulho disciplinar”, contribuições de nomes da história cultural contemporânea, como Robert Darnton e Carlo Ginzburg.

A parte três, “Questões relativas à trajetória da pesquisa em história da educação no Brasil”, abre com um artigo de Jorge Nagle (UNESP), em que são narrados os caminhos de investigação de seu clássico *Educação e sociedade na Primeira República*. A seguir, Carlos Roberto Jamil Cury (UFMG) mostra seu itinerário desde a preocupação inicial com “uma visão macroestrutural que ressaltasse o contexto histórico e a crítica social” até seu “encontro com a pesqui-